



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## MISSÃO E ADORAÇÃO NA ERA DO ESPÍRITO

---

### Mission and worship in the age of the Spirit

Cláudio Carvalhaes<sup>1</sup>

#### Resumo:

Usando o método da correlação de Paul Tillich, este artigo diz respeito às relações entre o interior e o exterior do espaço de culto, relacionando adoração e missão. No final, as quatro partes fundamentais do culto é re-interpretada.<sup>2</sup>

#### Palavras-chave:

Missão. Culto. Espírito Santo. Método da Correlação. Chamada a Adoração, Pregação, Eucaristia. Envio.

#### Abstract:

Using Paul Tillich's method of the correlation, this article relates the relations between the inside and the outside of the worship space, relating worship and mission. At the end, the fourfold of the worship is re-interpreted.

#### Keywords:

Worship. Mission. Holy Spirit. Method of correlation. Gathering. Word. Meal and Sending.

\*\*\*

### Introdução

O tema da Igreja Evangélica Luterana da América nos Estados Unidos, na reunião do seu Sínodo da Nova Inglaterra em 2014, convocou a igreja a viver "a missão e a adoração na era do Espírito". O tema foi descrito em um panfleto da reunião que mencionava as palavras de Harvey Cox: "a busca das pessoas por um encontro significativo e autêntico com Deus." Eu cresci lendo Harvey Cox e tive o privilégio de tê-lo como convidado para dar uma palestra aos meus alunos quando eu estava no Seminário Teológico Presbiteriano de Louisville. Entretanto, tenho minhas diferenças com Cox. Acredito que viver na era do Espírito hoje tem menos a ver com uma busca por sentido e mais com uma busca por uma conexão, uma conexão autêntica, confiável, tanto com Deus como uns com os outros.

---

<sup>1</sup> Cláudio Carvalhaes, Doutor em Liturgia e Teologia pelo Seminário Teológico União em Nova York, é Professor Associado de Liturgia no Seminário Teológico Luterano de Filadélfia, nos Estados Unidos. Contato: [www.claudiocarvalhaes.com](http://www.claudiocarvalhaes.com); [carvalhaes1@gmail.com](mailto:carvalhaes1@gmail.com)

<sup>2</sup> Este texto foi traduzido do inglês por Tiago Chiavegatti.

Nathan Mitchel, um fantástico Católico Romano estudioso de liturgia, também vai nessa direção. Ele diz que nos dias de hoje nós nos esforçamos mais para ter um *encontro* do que para ter um sentido. O que importa hoje são mais as maneiras pelas quais nos conectamos e vivemos em comunidade do que nos sentidos dessa vivência propriamente ditos. Analisando a igreja nessa perspectiva, Mitchel diz que nossas liturgias “nos convidam a *encontrar* Deus em Jesus Cristo e no Espírito,” e não a produzir sentido ou significado.

Esses encontros com o Deus vivo certamente deveriam ser tão maravilhosos quanto angustiantes, tão difíceis de se crer como impossível de não se crer, tão comuns e ao mesmo tempo tão transformadores. Provavelmente, nós deveríamos deixar nossas igrejas depois do culto mancando, ao invés de nos parabenizarmos por um ‘trabalho bem feito’.<sup>3</sup>

No passado, um certo *senso* da fé, uma crença com certo sentido, era o que nos mantinha na igreja. Embora isso ainda não esteja fora do nosso horizonte, e seja questão candente da vivência cristã, hoje quando alguém considera a possibilidade de se juntar a algum grupo social, mesmo o religioso, o que importa mais são as coisas que as pessoas e o grupo fazem, como essa comunidade vive em sua fé em termos práticos, o como que acontece a experiência, e como eles colocam carne e sangue naquilo que creem.

Acredito que os jovens hoje querem pertencer a um movimento ao invés de participar de um conjunto estático e particular de crenças religiosas e teológicas ligados a certa subcultura. As igrejas que conseguem responder à nossa sociedade com um evangelho de conexão não estão propondo uma lista de coisas nas quais as pessoas devem acreditar, mas estão entrando em movimentos de mudança, de transformação, propondo formas de vida justa para as pessoas e suas comunidades. É preciso também dizer que não se está propondo uma ruptura entre crença e prática porque essas suas coisas caminham juntas. Mas se experimentamos a Deus pela crença, essa crença advém de uma vivência profunda, através de um encontro real com Cristo, um mergulho pleno no amor de Deus. São nos encontros e não dos sistemas de crenças coesos e significativos que nos encontramos com Deus, mas na transformação da minha vida, minhas ações e atitudes.

Da igreja primitiva, aprendemos que a *lex orandi*, a norma da oração é o que forma a *lex credendi*, a norma da crença, e que nos dá a *lex agendi*, a norma da ética. Dito de outra maneira, o experimentar a Deus não se dá somente pela compreensão adequada e permitida pelas lideranças religiosas do quê ou de quem esse Deus seria, mas o doar-se profundo de Deus se dá na experiência criada e ampliada pela vida das pessoas no mundo.

Cabe a quem quiser elaborar formas de se interpretar, viver e aprofundar essas experiências de fé no mundo, incluindo os espaços litúrgicos. É nesse projeto, missão e desafio que o teólogo litúrgico é chamado, para ajudar e fazer traduzir as práticas e crenças antigas e novas das tantas vivências com Deus em formas e conteúdos litúrgicos para o povo e o mundo de hoje. Para este artigo, chamo Paul Tillich para nos ajudar.

Paul Tillich sabiamente disse que a religião é a resposta às buscas filosóficas e existenciais do mundo. E o mundo, feito de pessoas e sociedades, está pedindo por conexões, por maneiras de se relacionar. Quanto mais crescemos nosso individualismo, mais aumenta nossa necessidade de estar conectado. Recentemente, um pai descobriu que seu filho de 12 anos havia enviado dez mil mensagens de texto durante um mês, o que significa que uma mensagem a cada dez minutos. Essas conexões, no entanto, parecem ser feitas mais de ansiedade do que de relacionamentos

---

<sup>3</sup> MITCHELL D., Nathan. *Meeting Mystery: Liturgy, Worship, Sacraments*. New York: Orbis Books, 2006, xvi.

sustentáveis. Ansiedade do pai quanto às mensagens de texto, e do filho por não se sentir conectado. As pessoas hoje temem, mais do que qualquer outra coisa, perder seus telefones, mais do que perder suas carteiras. Ou talvez mais do que suas esposas (os)! Vivemos sozinhos e ávidos por conexões.

Isso significa que nossas noções e as compreensões e os eixos hermenêuticos do cristianismo mudaram. Viver na era do Espírito hoje não é somente proporcionar sentido como *ratio*, mas providenciar encontros, sentido como sentimentos. Como latinos vamos de Descartes “penso, logo sou”, para Antonio Damásio “sinto, logo existo!” Ou como Carlos Drummond de Andrade dizia: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.” Nesse redemoinho que é a vivência e a experiência com Deus, a gente acha a radicalização da justiça, a promessa da esperança, a luta pela justiça e a perseverança do amor. Quando encontramos Cristo, nossa espiritualidade se transfere da cabeça para o coração, e dá forma às nossas sensações mais profundas. Nossos corpos se tornam o *locus* da revelação de Deus.

Isso quer dizer que precisamos atualizar nossa mala de ferramentas teológicas e nosso senso de fé em Jesus Cristo para os dias de hoje. Vamos imaginar, por exemplo, a noção teológica de pecado, tão importante para a teologia luterana e para as teologias reformadas. Se pensarmos o pecado relativo à lei apenas em termos de atos repreensíveis, estamos perdendo o foco em comunicar o evangelho.

Pecado não está mais sequer no radar de muitas pessoas. Cada vez menos as pessoas vão à igreja para pedir o perdão de Deus por algo de errado que elas fizeram. Há uma ausência de uma linguagem do pecado até mesmo nas igrejas protestantes, que deixavam tão desconfortáveis muitos de nós. Recentemente, um liturgista reclamou porque não falamos mais sobre perdão, já que pecado não é uma palavra que usamos correntemente.

Contudo, eu realmente acredito que a linguagem do pecado ainda é importante para nós. O que está em jogo aqui são as maneiras pelas quais *entendemos*, experimentamos, participamos do pecado e organizamos nossa vida ao redor dele.

Deixem-me dar-lhes um exemplo. A igreja de Santa Lídia, no Brooklyn, Nova York, liderada pela Rev. Emily Scott, pode nos ajudar a reestruturar a forma que vivemos/entendemos o pecado. Para os que não conhecem a igreja de Santa Lídia, trata-se de uma igreja bastante jovem que organiza todo o culto em torno de uma refeição. O preparo da refeição e o ato de comer em comunidade está no centro da vida e do culto da comunidade. Eles na verdade fazem o culto enquanto comem. O pecado com que a igreja de Santa Lídia está lidando é o da desconexão, da separação, da falta de limites, do desinteresse pela vida e pelas pessoas, da solidão. O que a igreja de Santa Lídia está fazendo é organizar as práticas religiosas em torno de uma coisa fundamental para nossas vidas e culturas: a refeição.

Ao pôr a mesa e preparar a refeição, uma refeição eucarística, a própria vida de adoração da igreja de Santa Lídia prepara um espaço para que as pessoas encontrem Deus e umas às outras de uma maneira mais relacional, e demonstrar suas crenças através das suas ações litúrgicas ao invés de usar récitas, apesar de que eles recitam as orações da igreja.

Mas alguém pode dizer que a maioria das nossas igrejas também se organizam em torno de uma refeição, da refeição eucarística. Contudo, a forma como preparamos essa refeição é bastante diferente do que é feito na igreja de Santa Lídia.

Naquela igreja, a refeição eucarística está no centro do culto, e tudo mais está disposto a partir dela. A refeição eucarística está no coração do encontro das pessoas com Deus. Toda a

refeição está integrada com as vidas cotidianas das pessoas, e o ato de comer é integralmente um sacramento. O pão, que antes ficava apenas nas mãos do pastor, agora é partido e passa para o povo que está presente. A oração eucarística, antes feita apenas pelo pastor, agora é compartilhada pelo povo. E as pessoas comem e bebem e cantam e leem a Bíblia, e as histórias de cada um são compartilhadas. A história de Jesus Cristo está intimamente entrelaçada no tecido das vidas das pessoas.

A graça de Deus dissipa o pecado da desconectividade fazendo com que as pessoas conversem, compartilhem, falem, movam-se, comam, cantem, riem, e façam coisas juntas ao redor da refeição proposta por Jesus.

O sentido ainda não está necessariamente lá como pensamos: que se seguirmos os passos litúrgicos apropriados, o sentido da liturgia, Jesus Cristo, estará lá. Ao invés disso, o sentido deve ser criado pela comunidade pelo encontro com o outro e com Deus. O sentido virá depois, pela graça de Deus, como resultado da luta/ação/revelação/compartilhamento em comum dessa prática.

Reconheço que este jeito de trabalhar é um grande desafio, porque questiona nossas estruturas eclesiais e, para alguns, põe em risco as próprias crenças teológicas contidas nas maneiras que acreditamos que o rito eucarístico deve ser encenado/ritualizado. Porém, o que estou tentando dizer é que o que a igreja de Santa Lídia está fazendo é fundamentalmente lidar com os pecados da nossa sociedade, e não o faz anunciando as crenças corretas, mas através de ações em comum. As pessoas veem ao culto não para assistir a liturgia que foi preparada para elas, mas sim para criar a liturgia juntas. Porque liturgia é conexões e a graça de Deus que nos liga de volta a Deus e uns com os outros. Como disse Nathan Mitchel: *"Liturgias tratam-se, no final, de conexões; de ser conectado e de fazer conexões – com Deus, com pessoas, e com o planeta; com o espaço, tempo, cultura, e história; com diferenças e alteridade, com memória e expectativas"*.<sup>4</sup>

Deixe-me dar dois exemplos de coisas de dentro das nossas igrejas que continuam a nos desconectar uns dos outros:

- **Tempo.** Quando adoramos, devemos manter a uma hora santa que Martin Luther King Jr. chamou de a hora mais segregada dos Estados Unidos. Estamos presos ao tempo, e nem mesmo Deus pode ir além do nosso tempo. O tempo define os limites das nossas orações e cantos e pregação e interações, e não o contrário. Nessa estrutura, não podemos terminar o culto 5 minutos mais tarde sob pena de ouvirmos reclamações intermináveis sobre a falta de respeito com as pessoas que estão no culto, ou acusações de falta de planejamento adequado. Mas eis aqui o paradoxo: quando as pessoas vão a um restaurante após o culto, o garçom vai dizer: "Sinto muito, há uma espera de 30 minutos por uma mesa", e vamos dizer sem pensar: "não tem problema". Que tipo de assembleia nós somos se não conseguimos ficar juntos, ou com Deus, por mais de uma hora? Quando estamos com amigos, quando estamos com Deus, o tempo não é importante.

- Segundo exemplo: **Dinheiro.** A chamada para liturgia e missão na era do Espírito precisa ecoar também dentro das câmaras das nossas próprias estruturas. A maioria das igrejas protestantes nos Estados Unidos tem, na minha visão, uma estrutura muito desigual de distribuição de riqueza. Nós aceitamos passivamente uma estrutura salarial muito desequilibrada. Alguns pastores e líderes de igrejas ganham muito mais do que os outros pastores e líderes. Por que aceitamos essa estrutura? Alguns dos meus alunos não sabem sequer se eles vão ter um

---

<sup>4</sup> MITCHELL D., 2006, xv.

emprego ou, se conseguirem um, vão receber 15-20 mil dólares por ano, enquanto outros pastores estão ganhando 100, 200, 300 mil dólares anuais. Como cristãos, avaliamos nosso chamado pela promessa de Deus e pela *imago Dei*, a imagem de Deus que carregamos conosco. E se for assim, então todo mundo que participa dessa fé tem a mesma *Imago Dei*! O que destoa desta afirmação teológica é que todos temos, espiritualmente, a mesma *Imago Dei*, mas socialmente e financeiramente, nós não temos todos as mesmas necessidades! Esse é o pecado e a tragédia das nossas teologias. Somos todos a *Imago Dei*, e portanto ninguém deveria receber mais ou menos que os outros. Se somos todos iguais, devemos ter o mesmo salário. O que eu não entendo é porque mantemos essa estrutura que está na verdade matando nossas igrejas. Grandes igrejas têm pastores em tempo integral, porque podem oferecer mais dinheiro e benefícios.

Igrejas pequenas não podem pagar pastores em tempo integral e não podem dar-lhes um bom salário. Esse darwinismo social está desenfreado nas nossas igrejas. O mais forte vai derrotar o fraco. Assim como na nossa sociedade em geral. Nós também temos o 1% privilegiado dentro das nossas igrejas! O que vai acontecer é que terminaremos tendo só igrejas grandes, e as pequenas vão desaparecer. Só porque é assim que as coisas funcionam? **Não! Nein! No!** Vamos revolucionar o mundo dizendo que nós cremos na igualdade, que todos carregamos a mesma *imago dei* espiritualmente, economicamente, e socialmente. Se não resolvermos essa desigualdade em nossos salários, o que é que nos faz diferentes do Itaú, da Gerdau ou da Coca-Cola? Por que alguns pobres pastores têm que se sacrificar financeiramente quando cantam suas doxologias, enquanto outros podem dizer com facilidade que "Deus é bom" com seus salários 3, 4, 5, 10 vezes maiores?

Pecado! O pecado da desconectividade, o pecado de não perceber, ou de não querer perceber, que temos realidades muito distintas, mesmo dentro das nossas igrejas.

Como disse Nathan D. Mitchell: "assim, a revelação do culto não pode ser compreendida pela razão ou lógica ou ser exclamada, mas ela está incorporada nas práticas de justiça e misericórdia na liturgia do próximo".<sup>5</sup> Usando as palavras de Tom Driver,<sup>6</sup> nossa adoração/missão fazem uma demonstração, uma demonstração da nossa fé e, então, é uma demonstração de um ato, ou seja, o encenação ritual do que temos feito.

A liturgia é feita para a glória de Deus e, nas palavras do Santo Irineu: "A glória de Deus é um ser humano vivo integralmente," com comida, casa, assistência médica, e salários iguais. A glória de Deus é o cumprimento da nossa humanidade. Assim, missão e adoração e justiça na era do Espírito na verdade dizem respeito a apenas uma coisa: conexões.

## Método da correlação

Para fazer adoração e missão na era do Espírito, precisamos ser capazes de entender o espírito da nossa era e de ver os movimentos do Espírito Santo em relação a ou contra este espírito. Como disse Abraham Heschel:

A religião não entrou em declínio porque foi refutada, mas porque ela tornou-se irrelevante, insensível, opressiva, insípida. Quando a fé é completamente substituída pelo credo, culto pela disciplina, amor pelo hábito; quando a crise de hoje é ignorada por causa do esplendor do passado; quando a fé se torna uma herança ao invés de uma fonte viva;

---

<sup>5</sup> MITCHELL D., 2006, p. 145.

<sup>6</sup> DRIVER, Tom. *Liberating Rites: Understanding the Transformative Power of Ritual*. Charleston: Book Surge Publishing, 2006.

quando a religião fala só em nome da autoridade ao invés de falar com a voz da compaixão — a religião fica sem sentido. A religião é a resposta às perguntas fundamentais da humanidade. [Precisamos] redescobrir as questões para as quais a religião é uma resposta.<sup>7</sup>

O método de correlação de Paul Tillich, lido a partir da perspectiva da teologia da libertação, pode nos ajudar a descobrir o espírito do nosso tempo. Neste método, devemos atentar para as maneiras pelas quais o mundo está organizado e nos desafia. E nós, como a Igreja de Jesus Cristo, devemos responder pela mudança, profetizando contra esse espírito e encenando diferentes possibilidades para a vida. Para Tillich, simplificando, o mundo faz perguntas e nós damos as respostas. O método de Tillich pode nos auxiliar na resposta aos problemas sociais, políticos e existenciais do nosso tempo usando e explorando nossos símbolos cristãos. Num primeiro momento, tentaremos ressaltar apenas a constituição socioeconômica da sociedade dos Estados Unidos hoje, para então procurar como responder a esta realidade usando nossos preciosos símbolos litúrgico-missionais, a saber o modelo de quatro partes dos nossos cultos de adoração.

Precisamos encarar as forças do mercado financeiro, o movimento maciço de dinheiro para o 1% mais rico da população, o assustador encolhimento da classe média, a demonização do pobre, a armadilha do fluxo desregulado dos desejos pessoais, e a estrutura cultural narcisística baseada na felicidade pela acumulação que molda os Estados Unidos e que conseqüentemente está invadindo as nossas igrejas. Em todo mundo as estatísticas são alarmantes. É preciso conhecer muito bem a geopolítica neo-liberal de toda nossa Ameríndia para poder fazer sentido ao método da correlação. Para este artigo, vou somente citar números que são dos Estados Unidos, conhecido como a potência do mundo mas que vai se corroendo e se auto-exterminando em sua injusta distribuição de riqueza.

1. As instituições econômicas estão usando agora a primeira emenda da constituição norte-americana para fazer com que a liberdade econômica seja equiparada à liberdade de expressão. Com isso, eles estão dizendo que querem ter a liberdade de fazer o que quiserem com a economia. Isso significa: fim das regulamentações estatais, das punições, dos limites, e das fronteiras. Eles serão livres para fazer o que quiserem. Em consequência, estamos desenvolvendo um capitalismo selvagem que no final das contas vai acabar matando a todos nós. Eis o que está acontecendo:

\* Um sistema de compensação salarial falido: Os salários combinados de 350 mil professores de educação infantil representam menos do que ganham cinco gestores de fundos multimercado.

\* Assistência reduzida para a sociedade: Em 2013, a renda dos investimentos do 1% mais rico da população foi maior do que todo o gasto com previdência social, saúde, e programas assistenciais do governo.

\* 70 milhões de americanos não têm suas necessidades financeiras atendidas pelos serviços financeiros tradicionais. Isso significa que companhias abusivas estão emprestando dinheiro e tornando as pessoas escravas das suas dívidas.

\* A dívida estudantil nos Estados Unidos é devastadora, particularmente quando se considera que eles vão terminar a faculdade e não vão encontrar empregos para pagar seus

---

<sup>7</sup> HESCHEL, Abraham Joshua. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism*. Reprint edition. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1976. p. 3.

empréstimos. Esses estudantes estão formando uma nova classe social chamada de *precários*. Esse grupo não consegue encontrar empregos sustentáveis e sobrevive do dinheiro que pegam emprestado dos pais, trabalhando em período parcial, sem nunca ganhar o suficiente para economizar para a aposentadoria ou para viver uma vida digna.

Essa conjuntura econômica nos dilacera.<sup>8</sup> Não se esqueça do que disse Martin Luther King Jr.: “Injustiça em algum lugar é injustiça em todo lugar.”

As igrejas do evangelho da prosperidade sabem muito bem como ler nossas sociedades e nossas realidades. Elas sabem que as pessoas estão afundando financeiramente, que as pessoas estão perdendo suas fontes de renda e que têm medo de perder sua posição social. Essas igrejas prosperam graças a uma poderosa leitura da nossa realidade, e as pessoas enchem essas igrejas. No entanto, o que essas igrejas propõem é ultrajante e errado. Elas se alimentam da cobiça humana ao prometer riquezas e uma vida sem problemas, apenas se você crer no que eles pregam. Os pastores sempre se eximem da sua responsabilidade porque não podem ser culpados se as pessoas não recebem as bênçãos. Depende da fé da pessoa. Graça barata! Graça barata é o que eles oferecem, uma graça travestida em prosperidade, oferecida a todos sem que seja necessário nenhum esforço para vivê-la. Graça e sem dar nenhuma consideração ao outro. Graça que não se importa com o bem-estar da sociedade como um todo, e que culpa os que não estão bem de vida dizendo que eles não têm fé suficiente.

Se formos inteligentes o bastante para ler essa realidade, podemos oferecer algo mais sustentável em nossas igrejas, algo que responda às necessidades das pessoas, que transforme nossa sociedade e que seja fiel ao evangelho de Jesus Cristo.

Então, como respondemos? Respondemos com o capital social que temos e que é o nosso povo, nossos símbolos, e o evangelho. Aristóteles usou o capital social para dizer que é melhor ser ativo na sociedade junto do que sozinho. Pierre Bourdieu dirá que o capital social é como um lugar social onde o agente tem relacionamentos e conexões que trazem fontes e conhecimento para si mesmo e para a sua comunidade.<sup>9</sup>

O fundamento do capital social é confiança, e confiança é algo que todos trabalhamos muito em nossas comunidades. Capital social é a capacidade de criar interações, conexões, e estabelecer diferentes camadas de conectividade entre vizinhos, cidades, estados, governos e formas de tomada de decisão.

O capital social pode potencialmente quebrar as fronteiras de classe social, a desigualdade do capital financeiro e trabalhar em prol do bem comum ao ajustar os recursos da vida quando estes se tornam propriedade de alguns e não estão a serviço de todos.

Neste sentido de capital social, temos nossas igrejas, nossas liturgias e nossa missão. As quatro estruturas litúrgicas de muitas igrejas — **ajuntamento/chamado à adoração; Palavra; Refeição/Eucaristia/Santa Ceia; e Envio** — podem oferecer uma resposta aos desastres sociais do nosso tempo se justapusermos nossas coisas santas aos eventos do mundo. A igreja não pode ser um espelho de si mesma e trabalhar apenas para si com seus próprios símbolos e fontes. Fizemos assim durante muito tempo e nos tornamos uma comunidade isolada que não sabe como se abrir

---

<sup>8</sup> VÍDEO - <https://www.youtube.com/watch?v=QPKKQnijnsM>

<sup>9</sup> “Social capital is the sum of the resources, actual or virtual, that accrue to an individual or a group by virtue of possessing a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition.” BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic J. D., *An Invitation to Reflexive Sociology*, Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 119.

para o mundo. Conseguimos agir bem só com aqueles que compartilham nossa cultura, e esperamos que as pessoas que venham até nós e concordem com tudo o que falamos, temos e fazemos. Mas a fé cristã é uma fé problemática que requer negociações de credos, práticas litúrgicas, fontes sociais e capital.

Consideremos os quatro pontos da ordem litúrgica nesta situação:

**Ajuntamento/chamado à adoração** – adoração e missão pressupõem portas abertas, hospitalidade, acolhimento, ir atrás das pessoas e demonstrar nosso cuidado e amor por elas. Só depois nos juntamos para adorar, depois de vivermos juntos por um tempo, depois de eu ter ajudado a limpar a sua casa e ter procurado pelo seu filho que estava desaparecido por causa de problemas com drogas. A liturgia é sempre um segundo ato da nossa vida juntos. Primeiro você me ama, e então eu vou adorar a Deus com você. É porque eu amo você e me importo com você que você vem à igreja comigo. E então, na igreja, vamos adorar com qualquer forma litúrgica que tivermos. Porque o que mais importa não é tanto o que ou como fazemos as coisas, mas o amor que temos uns pelos outros. Se estamos arraigados no amor de Deus, eu vou cantar a sua música e você vai orar a minha oração. Eu vou me vestir como você, e você não vai precisar usar os seus sapatos vermelhos quando estiver comigo. Quando nos reunirmos, vamos olhar um para o outro, confessar nossos pecados de desconexão e como o mundo tem nos afastado uns dos outros, e pelas promessas de perdão da água do nosso batismo estaremos mais uma vez profundamente conectados, tratados igualmente como a *Imago Dei*. Como o Espírito trabalha aqui?

**Palavra** – Quando se trata da palavra de Deus, essa palavra tão preciosa que nos desafia a vivermos juntos confiando na misericórdia divina para vivermos ligados pela fé nesse mundo de pecado-diabólico-desconectado. Lemos a Bíblia juntos apesar das nossas diferenças culturais, sotaques, limitações intelectuais e lacunas emocionais. Porque há tanta diferença, devemos ler a palavra de Deus bem pausadamente, ouvindo cuidadosamente uns aos outros. A palavra de Deus é esse tempo quando Cristo está em nosso meio, desafiando-nos a servir uns aos outros e servindo à terra de Deus. Essa palavra contém uma profecia para esse mundo de injustiça. Como o Espírito trabalha aqui?

**Refeição/Eucaristia/Santa Ceia** – Somos chamados para comermos juntos e, na refeição eucarística, estão as promessas de Deus nos alimentando com lembranças de mudanças e transformações, promessas de redenção, vida eterna, e de uma sociedade que é igualitária. À mesa, clamamos: Pelo nome de Jesus Cristo, NINGUÉM vai ficar com fome nesta cidade! Porque nós temos este altar/mesa para todos! A mesa/altar eucarístico carrega o germe dessa revolução que desafiará os poderes para que todos sejam providos, especialmente os pobres. Como o Espírito trabalha aqui?

**Envio** – Quando estivermos prontos para ir, antes devemos nos certificar que todos tenham o suficiente para passar a semana, que todos tenham dinheiro para pagar suas contas, que todas as crianças irão à escola, e que haja atendimento médico para cada um dos filhinhos de Deus. Sem que tenhamos certeza dessas coisas, não vamos sair do santuário! Então, abençoamos uns aos outros com as bênçãos de Deus e exortamos uns aos outros para que continuem fiéis! E partimos para o mundo para viver aquilo que acabamos de fazer em nosso culto. Como o Espírito trabalha aqui?

Jaci C. Maraschin, um teólogo litúrgico anglicano do Brasil disse que "Toda reforma litúrgica deve estar também ligada à missão e deve ser baseada numa nova teologia, missão ligada

à alegria e à liberdade. Liturgia e missão são irmãs que dançam juntas pela beleza do reino de Deus".<sup>10</sup>

## Conclusão

Nossas liturgias deveriam nos ensinar também a expandir nossas inteligências cultural, corporal e emocional. Nossas liturgias deveriam nos preparar para compartilhar tudo o que temos. Reunir-se na igreja deveria nos ajudar a sermos mais versáteis, mais experientes, mais preparados para viver nossas vidas nesse mundo desafiador. Ao invés disso, a igreja tende a nos manter num estado de medo, temendo mudanças, aterrorizados com o que Deus está nos dando como dons.

Estamos aqui hoje para aprofundar nossas conexões uns com os outros. Que a gente aprenda a aprofundar as conexões entre nossas liturgias e o mundo em que vivemos, aqui mesmo em nossas comunidades.

Crie! Imagine! Estabeleça uma relação entre o que você recebeu da sua tradição com aquilo que as pessoas estão vivendo no seu cotidiano. Coloque terra na mesa, encha o altar com as frutas da criação, gaste tempo ouvindo as alegrias e as preocupações das pessoas. Coma o pão e beba o vinho com mel e leite, amplie sua mesa, faça dela uma refeição completa! Cante as músicas que você não está acostumado a cantar, aventure-se orando a oração de outra pessoa. Lembre-se de Bonhoeffer, que disse em 1938: "Só aqueles que clamam em favor dos judeus podem cantar o canto gregoriano." Mexa-se, crie rituais, faça com que essas fontes se relacionem profundamente com as pessoas, estabeleça conexões para que as pessoas expandam seus sentimentos, pensamentos e experiências com as fontes que a igreja nos tem dado.

Faça orações novas e extemporâneas! Ao explicar as orações das igrejas primitivas, Paul Bradshaw disse o seguinte:

"Isso explicaria a existência de textos de prece em Didaquê 9-10, algo inusitado no cristianismo em seu judaísmo do início, quando as orações normalmente não eram escritas. Enquanto os profetas deveriam ser livres para usar suas próprias palavras (10.7), líderes menos talentosos talvez precisassem de algum auxílio escrito para impedir que eles parecessem incompetentes do ponto de vista litúrgico".<sup>11</sup> Não tenha medo de ser incompetente, todos nos o somos!

E que cada um de nós, ao sair da igreja a cada domingo, diga o que nossos irmãos e irmãs da igreja negra dizem: "Nós tivemos igreja hoje!" Porque nós vimos Deus!

Que a gente termine o culto e diga: "Será que eu consigo realmente viver essa fé? É muito difícil! Só pela graça de Deus é que podemos vivê-la."

Que a gente saia da igreja mancando porque lutamos com Deus e fomos tocados pelo anjo de Deus.

Que a gente termine o culto e diga: "Ah não, já acabou? Será que a gente não pode cantar mais algumas músicas antes de ir embora? Por favor!"

Que a gente termine o culto e diga: "quem nós deixamos para trás?"

---

<sup>10</sup> MARASCHIN, Jaci. *Da Leveza e da Beleza*. Liturgia na pós-modernidade. São Paulo: ASTE, 2011. p. 21.

<sup>11</sup> BRADSHAW, Paul F. *Rites of Ordination: Their History and Theology*. New York: Pueblo Books 2013. p. 27.

Que a gente termine o culto e chame os outros de volta, dizendo: “antes de irmos, vamos ungir uns aos outros com o óleo da cura!”

Que a gente termine a igreja dizendo: "O Espírito de Deus esteve aqui! E eu posso encarar o espírito do mundo porque o Espírito que vive em mim agora é mais poderoso que o espírito do mundo! Porque o Espírito de Deus esteve aqui! O Espírito de Deus esteve aqui!"

Que a gente termine a igreja e lembre: "Não estou sozinho! Aqui estão meus irmãos e irmãs! Eles estão comigo! Eu não vou ter fome! Não vou ficar sem ter onde morar, eu posso encarar o mundo! Veja! Eu posso cuidar da minha mãe que está terrivelmente doente! Eu posso cuidar da minha filha que sofre de bulimia, eu posso ir atrás do meu menino que é vítima das drogas. Porque eu tenho quem me dê cobertura! Eu tenho a força do meu Deus e da minha comunidade."

Vamos terminar nosso culto dizendo uns aos outros: "Temos Deus, temos Jesus Cristo, temos o Espírito Santo!" Vire-se para o seu vizinho e diga: "Temos Deus, temos Jesus Cristo, temos o Espírito Santo!"

Vamos terminar a igreja dizendo: “na verdade nosso culto começa agora, no mundo!"

Vamos terminar a igreja dizendo: “a quem vamos servir esta semana?"

Vamos terminar a igreja levando o desafio de criar uma nova teologia, cheia de alegria e ação de graça!

Vamos terminar a igreja conectando nossa missão no mundo com alegria e liberdade.

Vamos terminar a igreja perguntando-nos: "quanto tempo vai levar até nos encontrarmos de novo?"

Vamos terminar a igreja dizendo uns para os outros: "luteranos são muito bons em não fazer a mesma coisa de sempre o tempo todo."

Vamos terminar a igreja dizendo: “o mundo não se importa comigo, mas minha gente e meu Deus se importam!"

Vamos terminar a igreja com a tarefa de continuar com nossos gritos de glória e aleluia mesmo quando confrontados com a morte!

Vamos terminar a igreja com essa profunda convicção: "Somos muito melhores agora do que quando chegamos. Eu acredito na minha igreja e acredito na minha gente!"

E vamos terminar nossos cultos de todo domingo acreditando, e cantando, que "nós venceremos! Sim, nós ainda venceremos!"

## Referências

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic J. D. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

BRADSHAW, Paul F. *Rites of Ordination: Their History and Theology*. New York: Pueblo Books 2013.

DRIVER, Tom. *Liberating Rites: Understanding the Transformative Power of Ritual*. Charleston: BookSurge Publishing, 2006.

HESCHEL, Abraham Joshua. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism*. New York: Farrar, Straus and Giroux; Reprint edition, 1976.

MARASCHIN, Jaci, *Da Leveza e da Beleza. Liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2011.

MITCHELL D., Nathan. *Meeting Mystery: Liturgy, Worship, Sacraments*. New York: Orbis Books, 2006.

VÍDEO - <https://www.youtube.com/watch?v=QPkkQnijnsM>